

Leitura de “O Terremoto no Chile”, de Heinrich von Kleist

Letícia Yuri Akutsu

A intenção do trabalho

Em seu texto “Alguns aspectos do conto”, Julio Cortázar diz sobre a relação entre o escritor e o tema: “O que há é uma aliança misteriosa e complexa entre certo escritor e certo tema num momento dado, assim como a mesma aliança poderá logo [se fazer] entre certos contos e certos leitores.” (CORTÁZAR, p. 155)

No conto “O Terremoto no Chile”, de Heinrich von Kleist, uma das coisas que mais me chamou a atenção foi a escolha do tema e a disposição dos conflitos. O terremoto é um acontecimento que leva a uma situação limite na qual tremem não só a terra e os edifícios, mas também toda a forma de organização da sociedade, os seus valores, suas práticas, as crenças individuais e coletivas. O terremoto é um acontecimento que não só provoca fraturas, mas também as revela.

É a partir da relação entre o autor e o tema mencionada por Cortázar e da ideia de que o tremor de terra traz consigo outros tremores que leio o conto de Kleist.

A fábula do conto

O conto “O Terremoto no Chile” narra a história do amor entre Jerônimo Rugera e Dona Josefa, filha de um dos fidalgos mais ricos da cidade de Santiago, Don Henrique Asteron. Rugera havia sido contratado para ser professor da jovem, mas os dois acabaram se apaixonando e se envolvendo. Quando descobertos, Asteron afasta Jerônimo da cidade e manda Josefa para um convento. Porém, depois de um tempo, Rugera vê na festa de *Cospus Christi* a chance de reencontrar sua amada na procissão entre as noviças, e retorna novamente à cidade.

O que Jerônimo presencia, contudo, não é apenas a procissão da jovem amada, mas também o nascimento do filho nas escadarias da catedral. Assim, a união de ambos é descoberta, Josefa é condenada à morte na fogueira e Rugera levado à prisão. Apesar das tentativas de reverter a situação, a única coisa que conseguem é a comutação da morte da jovem para a decapitação. Jerônimo começa, então, a pensar desesperadamente em alguma forma de fugir e salvar a sua amada, mas desiste após perceber a força do cárcere que o enclausura. Desolado, sem ver nenhuma saída para o seu infortúnio, se encosta em uma pilastra da prisão na qual pretende se suicidar. Porém, neste exato momento o chão

começa a tremer, as paredes do edifício, a rachar, e a construção desaba. Jerônimo se segura na pilastra e vê o encontro das duas casas dentre as quais estava deixar uma abertura pela qual consegue, milagrosamente, escapar.

Quando se encontra na rua, um segundo tremor de terra sacode a cidade. Rugera vaga desorientado pelas ruas. As cenas do terremoto são terríveis. É o leve peso da aliança que envolve seu dedo que o faz lembrar de Josefa. Começa a perguntar na rua se a sua decapitação havia sido realizada e uma mulher o respondeu afirmativamente. Desesperou-se. Mas depois de chorar efusivamente, continuou a procurar. O dia já caía quando Jerônimo teve o feliz e milagroso reencontro: Josefa estava banhando seu filho na nascente do rio.

Juntos, aguardam na floresta, com o pequeno Felipe, acreditando que a salvação era uma benção. Logo depois, um homem gentil chamado Don Fernando se aproxima e pede à Josefa se ela poderia amamentar o seu filho, João, porque a mãe da criança estava ferida. Josefa o fez com prazer e os grupos se juntaram. Dona Isabel, que estava com Don Fernando, lembrou que haveria uma missa na única igreja. Josefa e Jerônimo sentiram imensa vontade de agradecer a Deus e quiseram muito ir. Foram, então, todos juntos.

Depois de rezar a missa, o sacerdote começa a falar sobre a depravação dos costumes dos moradores da cidade. Assim como no caso de Sodoma e Gomorra, atribui a catástrofe aos costumes desses pecadores. É nesse momento que a outra tragédia do conto tem início. Os fiéis da Igreja querem matar ambos imediatamente. Don Fernando tenta ajudá-los, mas o próprio pai de Jerônimo encrava um cajado nas suas costas e junto com ele mata Dona Constança, que confunde com Josefa. Esta se entrega logo em seguida, temendo ser a causa de mais mortes inocentes. Apenas pede a Don Fernando que salve as crianças, mas apesar de se defender bravamente com uma espada, Don Fernando é ferido e lhe arrancam uma das crianças. Era seu pequeno João. Felipe, filho de Jerônimo e Josefa, está a salvo em seus braços.

Relação tema e autor

Bernd Heinrich Wilhelm von Kleist nasceu em Frankfurt an der Oder, na Prússia, em 18 de outubro de 1777. Ele entrou para o exército e chegou a se tornar tenente, mas algumas questões existenciais o atormentavam de tal maneira que o fizeram desistir da carreira. Kleist foi, então, estudar matemática e ciências naturais, na tentativa de encontrar respostas para suas perguntas. Porém, nenhuma dessas matérias foram capazes de

satisfazer a ânsia que tinha pela verdade da vida e seu real sentido, o que foi perseguir na literatura.

A formação iluminista que teve quando jovem deixou rastros em toda a sua vida. Kleist acreditava veementemente no poder da razão de guiar o sentido da humanidade, mas ao longo do tempo percebeu a grande tensão que havia entre elas. Como diz a professora Manuela de Sousa Marques, estudiosa da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a tentativa de subordinar a vida à razão não poderia resultar em outra coisa que um destino cômico ou trágico (MARQUES). No caso de Kleist, essa questão permeou tanto a sua vida como também sua literatura.

O conto “O Terremoto no Chile” já começa com uma situação tensa. Jerônimo Rugera está encostado em uma pilastra pensando em se enforcar. Um breve *flashback* nos conta os acontecimentos que o levaram até ali. No fim dessa elucidação, um tremor de terra anuncia uma grande mudança nos rumos da história. A pilastra que antes prestaria o papel de algoz, acaba por se tornar o pilar da sua salvação. E Jerônimo sai dessa situação que parece ser uma complicação do conflito, mas acaba se tornando uma possível solução para o problema inicial da história.

Agora que está livre, Jerônimo tem a chance de tentar salvar a amada, Josefa, caso, por algum milagre, ela ainda esteja viva. Um segundo tremor, porém, abala a cidade. As cenas do terremoto, as vozes sob os escombros, os gritos, os corpos mortos desorientam o jovem professor, que vaga pela cidade. Quando se deu conta do momento terrível que vivera, Jerônimo agradece (KLEIST, p.3):

Para agradecer a Deus a salvação miraculosa, prosternou-se tão profundamente que a sua fronte tocou o chão; em seguida, como se a impressão horrorosa que se gravara em seu espírito houvesse suprimido todas as impressões anteriores, chorou de prazer por regozijar-se ainda da suave vida, transbordante de aparições coloridas.

Quando se deu conta em seguida de um anel em sua mão, lembrou-se repentinamente de Josefa e, com ela, da prisão em que estivera encarcerado, dos sinos que lá ouvira e do instante que precedera o desabamento. Profundo desalento apoderou-se novamente de seu peito; começou a arrepender-se de sua prece e terrível pareceu-lhe o Ser que reina acima das nuvens.

Chamo atenção às duas perspectivas que convivem nesse trecho. Inicialmente, Jerônimo vê a sua sobrevivência como uma “salvação miraculosa”, mas logo se lembra de Josefa e a sobrevivência perde o sentido miraculoso e se aproxima da ideia de punição, de dúvida. A situação limite do tremor de terra desorienta a visão de Deus que parece piedoso por um lado e cruel por outro. Ambas as perspectivas, porém, conservam em si muito sentido. Jacques Derrida diz em seu texto *¿Cómo no temblar?* que Deus é, em princípio, o nome que nomeia aquilo ante ao qual sempre trememos, saibamos disso ou não (DERRIDA, p. 26, trad. minha). Essa situação limite produzida pelo tremor, que revela um *mistério tremendo* (DERRIDA, p. 29, trad. minha) expõe questões que atormentavam Kleist. A razão não parece estabelecer um único caminho de compreensão do mundo, mas sim abrir diferentes caminhos, permitindo diferentes tomadas de decisão.

“Não compreendia porque se furtara à morte, almejada por sua deplorável alma, nos instantes em que esta lhe viera, redentora e espontaneamente, de todos os lados.” (KLEIST, p.4) O sentimento da personagem vacila entre a felicidade pela vida e a dúvida pela sobrevivência em um curto espaço de tempo. Primeiro, ele parece consternado com a situação da cidade, depois agradece por ter sobrevivido. Novamente, a sobrevivência perde o sentido quando se lembra da amada supostamente morta. A existência recobra o sentido milagroso quando a reencontra. Essas mudanças mostram como o sentido da vida parece frágil e oscilante.

Os acontecimentos seguintes demonstram como a relação entre o bem e o mal fogem de uma lógica de causa e consequência que seja razoável. Inicialmente, o amor entre Josefa e Jerônimo parece algo bom (bem), mas os leva à prisão e à morte (mal). A boa vontade de Josefa e Jerônimo de agradecer a Deus (bem) fez com que se encaminhassem à missa, cujo final é trágico (mal). A tentativa nobre de Don Fernando de salvá-los (bem) tem como preço a morte de seu próprio filho (mal).

Os ciclos entre a vida e morte também parecem mostrar a fragilidade da posição do ser humano. O amor que parece vida leva à morte por condenação. O terremoto que parece a morte é também a salvação para alguns (vida). A sobrevivência, porém, leva a um novo retorno da morte na missa da Igreja.

A dor também convive com uma certa beleza de um renascimento pelos escombros. Ao mesmo tempo que toda a cidade está destruída, o narrador descreve que “o próprio espírito humano parecia desabrochar como uma bela flor” (KLEIST, p. 8):

“Nos campos, por toda a extensão abarcada pelo olhar, avistavam-se pessoas de todas as classes confundidas entre si, príncipes e mendigos, matronas e camponesas, funcionários do Estado e jornaleiros, monges e monjas: compadecendo-se uns dos outros, prestando-se ajuda mútua, compartilhando alegremente com os demais tudo aquilo que puderem salvar para a própria subsistência, como se a desgraça geral tivesse convertido tudo o que lhe escapara em uma *única* família.” (KLEIST, p. 8, p. 8)

O cenário parece retomar a ideia do paraíso divino. Mas ele não dura por muito tempo.

A ideia de uma verdade racional que poderia orientar a vida parece aparecer e sucumbir ao longo do conto. Se a direção do conto é a concretização do amor entre Jerônimo e Josefa, então os conflitos de forças estão sempre impedindo que haja um desenlace feliz para o casal. Além desse conflito de forças, há também o terremoto, o *mistério tremendo* do conto que vacila entre a possibilidade de salvação do casal e a destruição.

Jerônimo e Josefa tentam vencer a separação e a morte. Porém, a situação trágica ao longo do conto parece inevitável. Os vários episódios trágicos entre a condenação e a morte dos jovens revelam não só as consequências dos costumes de uma época, mas mais profundamente a necessidade humana de conseguir uma resposta para a seguinte pergunta: por que trememos? Por que Deus nos faz tremer?

Retomo uma colocação do texto de Jacques Derrida:

Tememos e trememos ante ao secreto inacessível de um Deus que decide por nós, enquanto nós somos, contudo, responsáveis, ou seja, livres para decidir, trabalhar e assumir nossa própria vida e nossa morte. (DERRIDA, p. 31, trad. minha).

O fim

Henrich Von Kleist se suicidou aos 34 anos (1810), dando a si um destino tão trágico quanto o de seus personagens. A ruptura com a noiva Guilhermina, o insucesso de seus planos e ideais fizeram de seus pensamentos um veneno fatal.

Josefa e Jerônimo, como dois heróis românticos, cujo único pecado parece ter sido se render ao amor, não conseguem escapar do final trágico que desde o começo do conto parece persegui-los. O terremoto, que foi a maior tragédia para a maioria das pessoas da

cidade de Santiago, foi a oportunidade da salvação para Josefa e Jerônimo. O ser humano, contudo, era desde o início o pior inimigo desses amantes. Mas o pequeno Felipe sobrevive, parecendo, ao olhar de Don Fernando e Dona Elvira, um novo despontar de esperança, que abre novamente o infinito jogo do destino.

Bibliografia:

CORTÁZAR, Julio. **Alguns aspectos do conto**. In: Valise de Cronópio. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

DERRIDA, Jacques. *¿Cómo no temblar?* Conferência, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/ap/v30n2/v30n2a2.pdf>>. Último acesso: 29/11/2020.

EAGLETON, Terry. **A natureza e os modos de ficção narrativa**. In: Teoria da literatura: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

KLEIST, Heinrich von. **O Terremoto no Chile**. In: Contos de Amor do Século XIX. Trad. Marcus V. Mazzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARQUES, Manuela de Sousa. **Heinrich von Kleist, poeta trágico**. *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, S. 2, t. 17, n.º 1, pp. 185-220, 1951. Disponível em: <<http://manuela.pt/Kleist-vida.html>>. Último acesso: 20/11/2020.

MAZZARI, Marcus. **Terra devastada**. *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, 7mar2010. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0703201004.htm>>. Último acesso: 26/11/2020.